
A CULTURA INDÍGENA NA SALA DE AULA: DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA

Robério Davi Borges Cunha
PIBIC/CNPQ/UEPB rdavi@hotmail.com
Profª Drª Patrícia Cristina de Aragão Araújo - UEPB
cristina-aragao21@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica em andamento intitulada: *A Cultura Indígena em Sala de Aula: Leituras Históricas e Literárias*. Nosso objetivo é discutir de que modo a cultura indígena encontra inserção no material didático escolar. Nesta pesquisa fazemos um diálogo de saberes entre onde trabalhamos com os vieses da Antropologia, História, Educação e Literatura. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com uma análise dos elementos da Lei 11.645/2008 para se chegar a uma reflexão sobre como didaticamente trabalhar esta temática em sala de aula modificando toda uma concepção formada sobre os povos indígenas à luz dos estudos culturais, a partir da interface entre estas áreas de conhecimento para se fazer uma Nova escrita da História desses povos no nosso país que ao longo da História relegou esses povos, logo existe o intuito de valorizar as contribuições destes povos na configuração da História do Brasil atribuindo uma importância histórica a estes povos na construção da identidade, memória e práticas culturais do nosso país.

A Antropologia é uma ciência que gera auspícios para se trabalhar didaticamente a problemática dos povos indígenas e em diálogo com a história nos permite compreender o papel e importância dos povos indígenas em sua dimensão cultural. Neste sentido recorreremos as contribuições de (Gomes, 2009), com ênfase aos aspectos culturais e de como aplicar este discurso a um processo histórico. Laraia, (1986) que elabora um estudo sobre a Cultura, enfatizando a origem da cultura com o emprego da Interdisciplinaridade aplicado ao discurso do século XXI, retratando a importância da cultura do ponto de vista antropológico e dialético para se debater sobre os povos indígenas.

A Lei 11.645/08 versa acerca da obrigatoriedade do ensino das populações afro-indígenas, mas não especifica as particularidades e especificidades dos povos indígenas conceituando eles de forma homogênea, sem mencionar as diferenças culturais e históricas destes povos, o que dificulta a prática de uma educação inclusiva e sem preconceito em relação a estes povos. Outra dificuldade desta lei é devido a carência de material didático, e recursos humanos preparados para trabalhar a questão indígena em

sala de aula, logo isto comprova a precariedade em se fazer uma História dos indígenas, através de seu próprio discurso e memória, gerando uma representação diferenciada destes povos valorizando seu lugar na historiografia do nosso país.

No campo literário a obra *O Guarani* de José de Alencar mostra a estória do índio Peri que apaixonou-se por uma branca européia Ceci filha de um fidalgo da corte portuguesa, e as impossibilidades práticas desse amor acontecer. Na obra ocorre o destaque as concepções culturais dos índios, através dos costumes, e são vistos as práticas dos brancos e como foram construídas historicamente as relações entre estes no decorrer da História, então este texto serve como uma referência literária para uma reflexão de como literatas do século XIX inseriam os nativos nestas histórias, objetivando construir uma visão de História destes segundo uma outra perspectiva produzindo um novo “lugar de representação” e um discurso sobre estes sujeitos.

O livro didático conta a História dos povos indígenas sob uma ótica tradicional e simplificada, com pouca visibilidade da Cultura e das contribuições que estes permitiram ao processo histórico de nosso país. Assim é notório a necessidade de aliar outras fontes com o livro didático para promover uma nova História dos povos indígenas, com o emprego da alteridade em relação a todo o legado deles na História do Brasil.

O debate entre essas áreas do conhecimento humano e científico propiciam uma nova História dos indígenas e a inserção do discurso da diversidade cultural oportunizado por estes setores corroboram para se criar uma História deste povos ligadas a Historiografia de nosso país, porém sem as vicissitudes impostas pelo “tradicionalismo” que categorizam estes como exóticos, selvagens e bárbaros, devemos entendê-los enaltecendo sua cultura, discurso, história e memória gerando uma nova representação que situe eles num papel de destaque na formação étnica de nosso país.

A História Indígena Repensada: Diálogos entre a Literatura e a História

A História dos povos indígenas nos dias atuais deve ser discutida e problematizada não apenas recortando temas oriundos dos livros didáticos e rememorado pelas datas cívicas, como é o caso do dia nacional do índio em 19 de Abril.

É necessário o debate interdisciplinar com a valorização da cultura indígena respaldada pela Lei 11.645/08. Neste contexto a Literatura é uma rica ferramenta para se vislumbrar o ensino dos indígenas situando-os numa obra fictícia ou realista, com o intuito de estimular os alunos e professores a uma “nova escrita da História”, na qual estes são protagonistas da História, e estão presentes nas obras literárias através de narrativas com uma linguagem acessível e com um visão que vai além da História. (Lei 11.645/08).

Nesta perspectiva a obra *O Guarani* de José de Alencar escrita no século XIX narra uma estória de amor envolvendo o indígena Peri que apaixonou-se pela portuguesa Ceci filha de um rico fidalgo português, no início da colonização brasileira no século

XVI, no ano de 1560. A obra apesar descreve os personagens atuantes num contexto social da época, enfatizando a relação entre os portugueses e indígenas, como por exemplo a questão dos casamentos arranjados como relação contratual, o escambo e a posição da igreja na colonização, a ideologia dos portugueses sobre a colonização e sua visão sobre os nativos, que instituíram seu aparato ideológico de dominação entre estes povos, entre outros fatores que estavam presentes nas representações coletivas e individuais do branco europeu do século XVI.

Por outro lado havia os indígenas vistos com heroísmo, manifestado principalmente por Peri, códigos culturais de cada tribo, valores delas e a importância deles no processo de ocupação e colonização do Brasil retratando as relações que estes mantinham com os portugueses, mostrando interesses como o das miçangas e o impacto que as mentalidades dos homens brancos despertavam sobre os indígenas, entre outros fatores o que ressalta a mobilidade entre estes povos e os brancos europeus valorizando assim a relação entre estes na construção da História sobre os povos indígenas no Brasil.

Esta visão é diferente da escrita tradicional do livro didático que constrói uma versão da História indígena, muitas vezes hermética, estereotipada e eurocêntrica. Quando apresenta uma diferença no trato dos povos indígenas situa-os historicamente como povos “incultos” e incivilizados, e ligados a determinismos geográficos e climáticos.

Apresentando uma ode aos indígenas que habitavam as “grandes nações”, como os incas, astecas e maias grandes contingentes de populações indígenas do continente americano que tinham um grande legado cultural, tecnológico e militar, mas que não eram “mais avançados” que os indígenas do Brasil, apenas possuíam um nível cultural e social diferenciando em relação aos povos indígenas do nosso país, logo as implicações produtos da “Nova História Cultural”(Laraia, 1986) trazem reflexões e críticas quanto a esta visão e afirmam que os povos indígenas do Brasil não eram inferiores a seus “vizinhos”, mas apresentavam semelhanças e diferenças com estes. Entretanto se diferenciam por visões cosmológicas e pela estrutura social, hierárquica e cultural, logo deve ser apreendido e ensinado a História destes povos, exaltando o discurso da alteridade, diversidade cultural e pelas expressões que estes trouxeram para a identidade, discurso, costumes e memória de seus respectivos países.

Diante destas concepções apresentadas vemos que a História dos povos indígenas está diretamente ligada a do nosso país, e as produções intelectuais como a Literatura fornece subsídios para se trabalhar em sala de aula sobre esta questão, evocando outras possibilidades para se entender os povos indígenas, praticando o discurso da educação do século XXI, dinâmico, atrativo, inovador e interdisciplinar com o objetivo de criar uma Nova História dos povos indígenas valorizando suas práticas e seu importante papel na cultura e no processo de formação em geral do povo brasileiro.

Novas possibilidades de diálogo: o fazer histórico e o antropológico

A Cultura dos povos, de acordo com (Laraia,1986) possui raízes antropológicas. Então é importante explicar como historicamente se alicerçou as bases do que viria a se configurar de Cultural, e como este conceito foi apreendido por várias áreas do conhecimento humano para justificar os hábitos e costumes de determinados povos, como por exemplo os povos indígenas.

Laraia (1986), elabora uma discussão da construção deste termo e apresenta aspectos na primeira parte da obra que reiteram o termo a natureza da cultura. Na segunda parte ele argumenta sobre como se institucionalizou a cultura nas sociedades humanas, e como estas buscam afirmação entre estes povos. Ele inicia sua discussão ressaltando os diferentes hábitos dos povos, e problematiza se os determinismos biológicos ou geográficos interferem na visão de cultura dos povos, independentemente da questão de gênero ou sociedade estudada. Mas ele desconstrói este argumento afirmando que:

O comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação. Um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada. (LARAIA,1986, PÁG21)

Assim ele desconstrói esta tese determinista, mas levanta outra possibilidade de dos aspectos geográficos como fatores determinantes das esferas culturais, estas são necessárias para o nosso debate e dialogam com outros discursos que vão além da “limitada” concepção geográfica e que constituem o pensamento da Antropologia sobre esta questão, esta presente na seguinte fala do autor que diz:

A posição da moderna antropologia é que a “cultura age seletivamente”, e não casualmente, sobre seu meio ambiente”, explorando determinadas possibilidades e limites ao desenvolvimento, para o qual as forças decisivas estão na própria cultura e na história da cultura(LARAIA, 1986, PÁG 24).

A partir desta citação, compreende-se que Cultura não é um conceito limítrofe, excludente e conservador, mas que tem sentido amplo, com a possibilidade de um leque de interpretações e sentidos, e que este termo foi projetado historicamente pelos povos, levando-se em consideração aspectos de origem étnica e de formação identitárias inseridos numa época e lugar social da História de cada país. Neste sentido é impossível, do ponto de vista antropológico desprestigiar as contribuições que os nativos desempenharam na formação da nossa cultura, história e memória do Brasil, por isso carecem de estudos que os situem na categoria social de pioneiros do nosso país.

Gomes (2009), discute sobre a Antropologia, mostrando a relação desta ciência com a cultura, política e sociedade de vários povos, afirmando que o discurso da Antropologia é diverso e assimilado por distintas áreas para justificar sua posição ideológica, sua dominação, contradições e o legado histórico de cada povo na História. Ele compara problemas do passado com questões do presente, diferenciando cada comportamento humano através dos tempos, destacando esta como uma ferramenta para

entender o pensamento do homem moderno, e suas manifestações individuais e coletivas.

São citados e debatidos autores da Historiografia brasileira, como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda que em suas teorias apresentavam traços de antropologia, especialmente Freyre (1936) que discursava em prol do Mito da Democracia Racial, como elemento formador da identidade brasileira, mas que não valorizava a figura do índio, e sim das elites brasileiras que não colocavam os povos indígenas como protagonistas da História, mas como “atores secundários” e com uma importância histórica, voltada apenas para a miscigenação das raças, o que caía num discurso racista e estereotipado, não atendendo as reivindicações e ao “dever” histórico para com estes povos como primeiros habitantes do nosso país.

Por fim o Gomes(2009) elenca uma discussão sobre o futuro da Antropologia, e como enquadrar o discurso da Antropologia numa visão multiculturalista, dinâmica, inovadora, enfim os elementos necessários para posicionar estes povos como “atores principais” da nossa História, não apenas dos costumes ou etnias, mas de todo o nosso legado cultural, religioso, alimentar e Histórico, tendo como premissa a valorização do discurso das práticas indígenas utilizando a Antropologia ao lado de outras ciências como a Literatura e História com a corrente dos novos estudos culturais visando implementar uma educação voltada a valorização dos indígenas na História do passado e presente em todos os aspectos que valorizem o discurso, as manifestações culturais, o patrimônio imaterial e grande legado que estes deixaram na nossa sociedade, sem romantizá-los ou heroizá-los, mas situando como “nossos ancestrais” da grande nação do Brasil.

Considerações Finais

A temática indígena no Brasil necessita ser mais bem aprofundada e discutida à luz das novas teorias históricas como os Estudos Culturais, com um diálogo interdisciplinar com outras áreas do conhecimento humano. Neste sentido a Antropologia e a Literatura ganham visibilidade para o debate dos povos indígenas, gerando novas concepções que valorizem o grande legado cultural que estes nos forneceram no decorrer da História, com a possibilidade de construir uma nova História destes povos, assegurando sua memória, representações e discurso por uma História crítica-discursiva e reflexiva produto de uma “revolução educacional” do século XXI.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José. O Guarani. Extraído do site:

<http://musicapoesiabrasileira.blogspot.com/2008/04/o-guarani-de-jos-de-alencar-completo.html>. Acessado em Agosto de 2010.

GOMES, Mércio Pereira. Antropologia: ciência do homem: filosofia da cultura. 1.ed. 2º reimpressão. São Paulo. Contexto, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 14 ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed, 2001.